



A PAQUERA ENTRE HOMENS NO FACEBOOK

Fabrcio de Sousa Sampaio

Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. E-mail: farcosousa@yahoo.com.br

RESUMO: A paquera como processo continuum articulado entre os contextos “off/line” é o pressuposto fundamental condutor desse artigo que é resultado das discusses preliminares sobre a etnografia em curso realizada no Facebook. O objetivo maior é identificar e analisar os rituais performáticos concernentes a paquera entre homens nesse contexto ‘on/line’. Ritual, performances de gênero, corpo, cibercultura, virtual e sexualidade constituem as chaves de interpretação desse fenômeno cultural. Erving Goffman (2009, 2010, 2011), Richard Schechner(2012), Eva Illouz (2011), Judith Butler (2010, 2013), Pierre Lévy e André Lemos, Berenice Bento(2006) e Richard Miskolci (2009, 2011, 2012, 2013) são os interlocutores principais na elucidação do processo cultural ritualizado da paquera.

Palavras-chave: Facebook. Performance. Paquera.

INTRODUÇÃO

O processo de paquera necessita de racionalização por parte dos paqueradores. Por isso, as discusses que constituem este artigo partem da afirmação de que os encontros para ficar, namorar ou fazer sexo, são imbuídos pelo processo de paquera. E os que buscam fazer amigos também o são. Então o processo de paquera relacionado ao campo do erótico ou sexual é tributário de certos regramentos principalmente em relação às suas finalidades, ao objeto paquerado e aos cenários culturais onde ocorre esse processo de aproximação.

Todavia a título de diferenciação, a “pegação”¹ é definida geralmente como a fase

final do processo de paquera sexual. Encerra comumente as buscas por sexo casual principalmente em locais públicos ou já consensualmente percebidos para esta finalidade: saunas, cinemas de sexo explícito, banheiros ou certos espaços em boates gays denominados “dark rooms” – locais semifechados escuros onde a ordem é a liberação da “pegação”, ou melhor, práticas sexuais diversificadas.

O presente artigo é constituído pelas reflexões preliminares dessa etnografia em andamento no contexto “on-line” do Facebook cujo objetivo principal é identificar e analisar os rituais performáticos de paquera entre homens.

Vale destacar que a vida “on-line” e

¹ Esse termo no Brasil é utilizado para denominar de forma nativa o “cruising”: “prática espacial erotizada e erotizante de praças, parques, locais desertos na cidade que se tornam pontos para encontros fortuitos, busca de

parceiros e amores entre sujeitos, do sexo masculino” (GADELHA, 2015, p.65).



“off-line” não constituem realidades distintas e separadas. Estes ambientes – “on-line” e “off-line” – se encontram em permanente interação e por isso Richard Miskolci (2011) cita a sugestão de Hine (2009) de tratar o virtual² ou a internet como “contextos culturais”. Além disso, para o sociólogo Richard Miskolci (2011) é necessário se pensar essa “divisão” como um contínuo interdependente e articulado “no qual nos inserimos assim como nossos sujeitos de pesquisa” (p. 15). Pois, não existe um universo social apartado chamado de ciberespaço³ e sim uma mediação e modificação da vida off-line através das mídias digitais (ibid, p. 16).

Em outras palavras, no Facebook, o ato de paquerar entre homens do “off-line” está mediado e modificado contextualmente pelo “on-line”. E a paquera de forma geral se constitui num “contínuo articulado e independente” (MISKOLCI, 2011, p. 17)

² A preferência pelos termos virtual e virtualidade neste artigo se deve a ideia de que os “processos de virtualização são concernentes a agenciamentos de corpo, do espaço, do tempo e do sexo que atravessam as dimensões do humano e do não humano” (GADELHA, 2015, p.67).

³ O termo ciberespaço foi criado pelo escritor de ficção científica William Gibson, em 1984, com base em dois conceitos: cibernética e espaço. Gibson destacava a desconexão entre ciberespaço e espaço físico material. Com a popularização da internet e o surgimento do world wide web (WWW) em 1992, ciberespaço e internet passaram a ser tratados quase que como sinônimos. Neste ínterim, os espaços digitais foram considerados desconexos da realidade física, processo que resultou no uso do termo realidade virtual como antônimo da vida real (SOUZA; SILVA, 2006, p. 21-22).

característico do mundo social na atualidade, embora que em ambos os contextos culturais existam peculiaridades. O referido estudo objetiva compreender as especificidades da paquera “on-line”.

METODOLOGIA

Logo após a criação de um perfil pessoal na rede Facebook comecei a receber curtidas de fotos, cutucadas e solicitações de amizade de pessoas a princípio “estranhas”. Aceitando alguns desses convites, fui chamado a conversar no bate-papo da plataforma. Nesse interim, após responder perguntas rápidas como “tudo bem?”, “é solteiro?” ou “fazendo o que de bom?”, percebi que tais interrogações objetivavam ou já faziam parte de uma paqueração. Foi essa experiência inicial de ser aparentemente paquerado através do Facebook que me levou a pesquisar a paquera nesse contexto “on/line”.

A principal observação foi de que as paqueras não se diferenciavam de um perfil a outro. Eram padronizadas. Por essa razão, foram surgindo alguns questionamentos: a paquera entre homens no Facebook seria ritualística, ou seja, seria permeada por ações codificadas que objetivariam uma eficácia nos termos de Schechner (2012)? Quais seriam esses rituais e que sentidos sociais eles teriam? Por que existiriam rituais neste tipo de paquera? Os rituais seriam então



constituintes do processo de paquera entre homens no Facebook?

Assim, uma etnografia é iniciada em 2013 e após um ano de incursão comecei a realizar as entrevistas a partir de convites feitos aos “amigos” recém adicionados em minha página pessoal. Depois de algumas conversas “on/line” de esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, alguns usuários decidiram colaborar. Para manter o anonimato desses colaboradores, solicitei aos mesmos a escolha de algum apelido. Eles definiram os seguintes nomes: Josué, Cláudio, Romeno, Italiano, Sírios, David, Marcos, Romário, Rivero e Juliano. É importante frisar que eles residem na cidade de Sobral-Ce.

As relações sociais mediadas digitalmente são objeto de discussão da primeira parte do artigo. Em seguida, performance, gênero e paquera constituem o foco de análise. E na terceira parte, são identificados e analisados os rituais da paquera no Facebook.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Miskolci (2011) destaca dois importantes aspectos da utilização das mídias digitais: o protagonismo individual e a articulação das diferenças pessoais como elementos para efetivação de contatos e socialização (MISKOLCI, 2011, p.13). Essas mídias fazem a mediação e a modificação daquilo que é vivido no “off-line” – lócus de

origem das necessidades e interesses dos seus usos sociais – numa espécie de “contínuo articulado e interdependente” (ibid, p. 16).

Os contatos “virtuais” se intensificam a cada dia e a tese de que tal intensificação diminui os contatos “reais” é questionável, pois, embora muitos prefiram, por exemplo, paquerar ou buscar parceiro (a)s no “on-line”, não se tem o descarte da possibilidade das interações face a face depois dos flertes na virtualidade.

A internet possibilita exacerbar a incompletude de determinado parceiro escolhido temporariamente pela simples razão de que ao descartá-lo, haverá uma abundância de outros possíveis parceiros. Justamente porque a internet “nos faz ver todo o mercado de escolhas possíveis a nossa disposição, [...] ao chegarmos ao encontro real costumamos tender a subestimar e não a supervalorizar a pessoa encontrada” (ILLOUZ, 2011, p.151).

Para esta autora, a internet tem como vantagem permitir um eu mais flexível, aberto e múltiplo, o que “assinala o epítome do eu pós-moderno, em sua capacidade de tornar o eu brincalhão, inventor de si mesmo e até enganoso, em sua capacidade de manipular informações a seu próprio respeito” (ILLOUZ, 2011, p.115).

A busca de parceiro (a)s na internet adquire uma forma racionalizada, baseando-se numa interação incorpórea caracterizada pela



abundância e permutabilidade (ILLOUZ, 2011, p.129). Os namoros e os processos de paquera seguem princípios do consumo de massa “baseados numa economia de abundância, escolha infinita, eficiência, racionalização, orientação para alvos seletivos e padronização” (ibid, p.130).

Entretanto essa “aparente” abundância de corpos textualizados no “on-line” como pretensos alvos de paquera pode significar uma angustiante escassez, pois a primeira fase da paquera denominada “desfocada” baseada nos termos de Goffman (2010) é marcada pela intensa seleção dos perfis balizados principalmente pelos critérios estéticos de beleza corporal masculina heterossexual.

O contexto “on-line” pode ser considerado uma passagem quase obrigatória “para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos em sua autodescoberta, contatos sexuais ou amorosos e a criação de redes de apoio” (MISKOLCI, 2009, p. 176). Mas também ela pode atuar na “ampliação do armário” por que a explicitação dos desejos homoeróticos está disciplinada pelas atmosferas do anonimato e do segredo.

O armário como regime de controle da sexualidade que rege a vida dos gays e lésbicas e também dos heterossexuais, é uma estrutura de opressão conforme Segwick (2007). Entretanto esse armário persiste nas mídias digitais não como regime de opressão

gay, mas como dispositivo de controle que é incorporado subjetivamente através de aprendizado social que define tanto no espaço público quanto privado as relações a serem reconhecidas e visíveis, como as que serão punidas e toleradas (MISKOLCI, 2013, p. 316).

Na internet, o conteúdo da paquera – o corpo – como programa ajustável aos ideais estéticos dominantes é construído com auxílio da imaginação. Esse processo é desencadeado por dois textos a foto e o perfil “e por um conhecimento do outro que é verbal e racional, isto é, baseado em categorias e cognições, não nos sentidos” (ILLUOZ, 2011, p. 148). Há a construção de projeções das pessoas. Este estilo de imaginação no “on-line” “descorporifica os contatos, transforma-os em puros fatos psicológicos e textualiza a subjetividade” (ibid, p. 138). E diferentemente da imaginação romântica calcada no corpo e na ordem do sentir, a imaginação da internet é baseada na ordem do conhecer em que fantasiar e buscar alguém tem como referência uma lista de atributos abstratos e incorpóreos que se supõe corresponder ao ideal desejado pelo indivíduo (ibid, p. 148).

Conforme os relatos dos colaboradores os “corpos digitais ou virtuais” dos outros acionam o desejo e a intenção de iniciar a paquera. Entretanto é a movimentação desse



corpo que tanto pode corroborar esse desejo como intensificar ou finalizar o processo de paquera. Dito de outra forma, é a performance ou a imaginação de como determinado corpo se comporta e não somente o corpo feito de texto e imagem que é o alvo do processo de paquera.

A performance é um processo de ritualização de sons e gestos num processo de estilização do comportamento (SCHECHNER, 2012, p. 49). Os indivíduos utilizam técnicas de performance para se dirigir aos diversos públicos com o objetivo de “manter, modificar ou inverter a ordem social existente” (ibid, p.77). Ela se origina da interação entre o jogo e o ritual. Os rituais constituem ações codificadas que movimentam a memória e ajuda os indivíduos a lidar com relações sociais “ambivalentes, hierarquia e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária” (LIGIÉRO, 2012, p.49). Embora que os rituais se apresentem publicamente sob o caráter de estabilidade e permanência, eles mudam dependendo das circunstâncias sociais (SCHECHNER, 2012, p.84).

Schechner (2012) divide a performance em eficácia e entretenimento. Dois pólos que fazem parte de uma ação contínua dependendo do contexto e da função. A performance é ritual quando se vincular a eficácia ou buscar resultados. E é

entretenimento quando o objetivo for dar prazer, ser mostrada ou passar o tempo. Para o autor esse jogo binário – eficácia e entretenimento – não são opostos e sim continuamente interdependentes. Não há eficácia ou entretenimento puro. E é das tensões criativas desse jogo e suas várias finalidades que se originam as performances (ibid, p.81).

A performance-paquera “on-line” é ritual ao se vincular a ação racional que busca resultados específicos nos termos de Schechner (2012). E a partir dos depoimentos e das incursões no Facebook podemos afirmar que na paquera homoerótica masculina quem executa os rituais são corpos sexuados e generificados e que buscam outros corpos sexuados/generificados, ambos marcados socialmente pela heteronormatividade⁴ e padrões estéticos de beleza dominantes.

O roteiro performático dos corpos que são paquerados é constituído pelas imagens e postagens, curtidas, compartilhamentos e o conteúdo que constitui cada página que é esquadrihada por alguém que busca um parceiro ou um “fica”. Ou seja, o “corpo

⁴ Termo criado por Wagner (1993) que identifica um conjunto de disposições – discursos, valores e práticas – que naturaliza, sanciona e legitima a heterossexualidade como a única possibilidade de expressão dos sujeitos (JUNQUEIRA, 2012, P.66). A heteronormatividade é sustentada pela heterossexualidade obrigatória conforme Louro (2012). E, além disso, reforçada pela efeminofobia no caso das relações amorosas e sexuais entre homens.



digital” paquerado terá sua performance avaliada através das interações na plataforma num jogo de materialização corporal onde o gênero, a sexualidade, vocabulário utilizado, jeitos de corpo, estética e vestimentas serão modulados no delinear do processo de paquera (GADELHA, 2015, p. 58). A performance para este autor funcionaria como dispositivo de materialização dos corpos, gêneros e sexualidades nos contexto “on-line”.

Assim, o corpo digital, além dos diferenciais identitários, se “engendra em processos de hibridização com o espaço, do real com o virtual” (p.60). Este autor critica a ideia de reduzirmos o agenciamento entre corpo, gênero e espaço a uma perspectiva do representacional, pois “há uma performatividade do corpóreo, do espacial e do sexual que se expandem” para além desse domínio representativo (p. 64).

Em acréscimo, os perfis são avaliados a partir do gênero que possuem ou performatizam virtualmente, e que, na maioria dos colaboradores, tal performance virtual representa a performance “real”.

Uma das primeiras constatações etnográficas é a de que a paquera entre homens na internet é regulada pelos imperativos da “matriz heterossexual”. No regime da heterossexualidade existem “performances de gênero hegemônicas”

atreladas ao feminino e ao masculino. Elas constituiriam “ficções sociais sedimentadas ao longo do tempo e que gerariam um conjunto de estilos corporais” (BENTO, 2006, p. 92).

O gênero não é uma inscrição cultural de significado num sexo preexistente. Ele é um meio “discursivo/cultural” pelo qual “‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2010) p.25).

Assim, o binarismo de gênero que sustenta a “heterossexualidade compulsória” modula também a paquera homoerótica. Pois as sexualidades atualmente estão reguladas pelo dispositivo da heteronormatividade.

Outro elemento constatado da paquera entre homens na pesquisa em andamento é a estética. Semelhante a pesquisa de Berenice Bento (2006) sobre a experiência transexual, a estética constitui num “indicador de níveis de masculinidade e de feminilidade” (ibid, p. 163). Ela atuaria para visibilizar e estabilizar os corpos na dicotomia dos gêneros. Além disso, constituiria numa espécie de “capital de gênero” (ibid, p.228) através do qual os corpos seriam classificados como abjetos ou “glamourizados”.

Em resumo, é na performance contínua e repetitiva que o poder regulador dos gêneros é produzido e naturalizado como



algo “pré-cultural”. Neste sentido, podemos falar de performatividades de paquera como atos estilizados e repetitivos das “performances de gênero” valorizadas pelas sociabilidades homoeróticas nos contextos culturais específicos.

O Facebook é uma rede social que tem muitos recursos, mas, por delimitação da pesquisa, foram escolhidos para análise dos perfis, o mural, status, a linha do tempo, os botões curtir, compartilhar e cutucar. O mural é um espaço na página de perfil do usuário onde os amigos postam mensagens para os outros verem. Pode ficar visível para qualquer um, com permissão para visualizar o perfil completo. O status fica na página de visualização pública do perfil, de acordo com o usuário, que informa seus amigos e membros de sua comunidade coisas que acham interessantes. A linha do tempo organiza cronologicamente todas as atividades, postagens e publicações dos usuários. Os botões curtir e compartilhar se relacionam a postagens e publicações e constituem os principais instrumentos de paquera virtual.

É através da justificativa de buscar amigo (a) – nos termos dos colaboradores da pesquisa – que as paqueradas se iniciam. E outra razão é porque a motivação de criação de uma rede de amigos, possibilita a dissimulação do teor amoroso ou sexual e

libera para os flertes virtuais ritualmente executados a fim de não “espantar os boys se você chega e diz logo o que você curte, depois que o boy aceita ser seu amigo” (depoimento-David/2014).

Richard Miskolci (2009, 2011, 2012) em suas pesquisas sobre as buscas homoeróticas masculinas pontua o segredo e o anonimato constituintes das paqueras em sites de relacionamento ou bate-papos. A não exposição e os cuidados dos usuários através da criação de apelidos e de um jogo de perguntas e respostas objetivariam manter em segredo as relações mediadas pela internet. Entretanto no Facebook, com exceção dos perfis falsos⁵, a proteção do anonimato quase inexistente e por isso os usuários precisam construir “estratégias”⁶ para iniciar uma

⁵ Durante a etnografia, recebi várias solicitações de amizade desses perfis os quais detectei sua falsidade por não apresentarem publicações de ações cotidianas e suas fotos serem de modelos masculinos ajustados ao padrão estético dominante: corpos musculosos. Os colaboradores afirmam não se interessarem por esses perfis corroborando a ideia de que a paquera no Facebook geralmente não é anônima como em alguns sites e aplicativos de “pegação” onde se criam apelidos e os rostos dos usuários são ocultados para evitar a identificação durante a fase desfocada da paquera “online”. Entretanto, o que está no armário é o desejo homoerótico que será ritualmente exposto para ambos, permanecendo em segredo na maioria das vezes para o restante dos amigos de ambos os usuários participantes do processo ritual de paquera. Mas esses perfis falsos no Facebook e o segredo ritual da paquera solicitado e mantido na ambiência do bate-papo corrobora a tese de ampliação do armário de Richard Miskolci (2009).

⁶ Pela consideração de que as “estratégias” enunciadas pelos colaboradores visavam obter resultados, ou seja, definir uma situação de paquera e estavam atreladas a um comportamento encenado para uma plateia, tais



paquera homoerótica principalmente se os perfis em jogo não possuem nenhuma “pista de que curte caras” (Depoimento – Marcos/2014).

Esse cuidado ritual é necessário porque além da paquera ser realizada com “perfis verdadeiros” qualquer conflito interpessoal pode desencadear uma publicação do desejo homoerótico de algum dos envolvidos na paquera. E pode ser, de acordo com os colaboradores, que alguém possua uma vida heterossexual bem consolidada que possa ser desestabilizada com os “boatos” lançados na web.

Os rituais durante a paquera no Facebook servem para tornar esse processo mais eficaz e evitar desconfortos ou conflito de interesses amorosos entre os usuários. Além disso, os rituais são utilizados para “informar” o processo de paquera iniciado por alguém sem que houvesse a necessidade de explicitar claramente as intenções de ambos e muitas vezes promover uma saída do armário de forma cuidadosa e paulatina: “não vou de cara, primeiro sem ter uma noção, tenho que me saber conduzir para não me expor e não me constranger e nem chegar a constranger, mesmo se ele gostasse de homem ainda não seria cabível por não saber o que ele tá vivendo ou seus planos” (Depoimento-

“estratégias” constituíram no decorrer da análise como “rituais” nos termos de Schechner (2012).

Juliano/2014). Assim, a utilização dos rituais durante a paquera virtual se justifica porque “às vezes essas coisas [um convite de amizade, uma curtida na foto ou uma cutucada] não tem nada a ver com o que você espera que seja” (Depoimento-Romário/2014).

No Facebook, são entre curtidas, cutucadas e compartilhamentos que os usuários vão navegando pelos perfis, criando estratégias de manipulação identitária e de gênero, além de se tornarem visíveis na rede e, portanto, consumíveis entre os milhões de participantes da rede. Sem visibilidade, não se “existe” na rede social. Esse processo de navegação caracterizado pelo ritual do esquadrinhamento dos perfis pode ser considerado o início da primeira fase do processo de paquera virtual que será chamada de “desfocada”.

Numa interação “desfocada” “os indivíduos em presença visual e auditiva uns dos outros cuidam de suas próprias vidas sem estarem ligados por um foco de atenção compartilhado” (GOFFMAN, 2011, p. 128). Não há aqui um único centro de atenção. No caso específico do Facebook, os usuários analisam os perfis e inicialmente buscam alguma “pista” ou indício de que o “cara curte” a partir das publicações, curtidas e amigos gays em comum. Ter amigos gays, curtir publicações relacionadas ao assunto da



homossexualidade, não ter fotos com crianças ou junto- beijando- mulheres, curtir páginas de boates ou festas gays constituem as “pistas” apontadas pelos colaboradores. Mas um usuário relata que mesmo sem a identificação dessas “pistas” “agente às vezes tenta o colar colou” (Depoimento-David/2014). Ou então “me declaro para ele mesmo correndo o risco de pegar um fora” (Depoimento-Juliano/2014).

Fundamentalmente a paquera “on-line” é orientada pelas “performances de gênero”. Durante o esquadrinhamento, os usuários tentam se “encaixar” e “encaixar” os perfis esquadrinhados em julgamentos de identidade de gênero reconstituídas a partir de estereótipos já reconhecidos pelo senso comum como pertencentes a perfis de “caras que curtem”. Nessa fase “desfocada” da paquera os colaboradores vão paquerando vários perfis através de curtidas em fotos e cutucadas.

Os perfis vão sendo classificados como “boy” ou “gay”: o perfil “gay” é aquele que possui as “pistas” acima; e o perfil “boy” é constituído por “coisas de hetero” – assuntos e páginas relacionados a futebol, mulheres e filho (a)s (Depoimento-Rivero/2014). Essa redução binária dos perfis corresponde ao binarismo das “performances de gênero” – masculino e feminino – que no homoerotismo assume as configurações de

macho ou “boy” e fêmea ou bicha, acompanhadas da divisão também binária das posições sexuais correspondentes: macho ou másculo – ativo e gay ou afeminado – passivo.

O reconhecimento da paquera entre indivíduos se dá por infrações a desatenção civil – olhar prolongado a alguém ou as olhadelas mútuas – confirmada por outros sinalizadores e pela contextualização espaço-tempo. Entretanto no contexto “on-line” a desatenção civil pode ser emitida pelas curtições em fotos ou cutucadas, ou seja, através da emissão de que aquele perfil está chamando atenção a alguém. E o olhar prolongado ou mútuo – confirmador do início da fase focada da paquera – pode ser confirmado pelo retorno das curtições em fotos, cutucadas e solicitações de amizade: “cutucadas no começo eram o auge. Hoje as cantadas por mensagens são mais frequentes e curtidas em fotos” (Depoimento-Marcos/2014).

Tento observar um por um o perfil do face da pessoa e tento ver como se aproximar. Observo, mando uma mensagem formal ou cutuco e daí vejo mais nunca ir direto [...]. A pessoa fica te curtindo, mostrando interesse para as coisas que você curte e aí vai de você [...] (Depoimento-Juliano/2014).

A passagem da paquera como interação “desfocada” para um encontro ou engajamento de face [no caso engajamento



“on-line”] é autorizada pela intensidade dos retornos às curtuições de fotos, pelas cutucadas e em algumas situações por comentários e mensagens direcionadas a fotos ou algo publicado: “começo a observar pelas inúmeras vezes em que curtiu uma foto ou um status em menos de um minuto [risos]. Isso acontece muito, mais o fator principal é durante a conversa no bate-papo” (Depoimento- Romário/2014);

Observo, mando uma mensagem formal ou cutuco e daí eu vejo no que dá mais nunca ir direto [...] eles puxam conversa, fazem comentários de alguma foto, curte alguma coisa, a maioria das coisas que curto ou compartilho num face, [...] (Depoimento- Juliano/2014).

“Cutucar”, “curtir uma foto dele”, “comentar uma foto onde ele foi marcado, ou comentar e também curtir suas recentes postagens”, “solicitar amizade” ou “mandar uma mensagem qualquer de paquera” (Depoimento- Josué/2013) foram apontadas como principais “estratégias” ou rituais de aproximação na busca por parceiros amorosos e/ou sexuais no Facebook, de acordo com os colaboradores.

A “interação focada” da paquera virtual é marcada geralmente quando um dos usuários aceita o convite de solicitação de amizade de outro ou em menor frequência quando um deles envia uma mensagem qualquer. Na interação focada existe um único foco de atenção cognitiva e visual durante os

atos de fala e gestos. E os participantes ajudam a manter esse foco de atenção (GOFFMAN, 2011, p. 128). O início desta fase ocorre segundo os colaboradores quando dois usuários se tornam “amigos” no Facebook. Há outros rituais de aproximação da paquera mais diretos como elogios às fotos e ao corpo dos usuários ou a solicitação de amizade como primeira ação sem passar pelas curtuições de fotos ou publicações.

Realizada no bate-papo do Facebook esta fase “focada” principia com a deferência, ou seja, um ritual interpessoal através de pequenas saudações, elogios ou desculpas de comunicar apreciação ou estima ao receptor. Esse ritual é utilizado para se aproximar ou fazer investidas aos corpos paquerados. Entretanto é a fase mais complexa porque lida principalmente com a confirmação das performances exibidas pelos indivíduos durante a fase desfocada ou não-verbal. E no caso do Facebook, a confirmação performática se dá por uma avaliação do desempenho linguístico em confronto com a análise do perfil realizada anteriormente através dos trânsitos “virtuais”: curtuições de fotos, de festas, eventos, páginas e publicações em geral, principalmente as fotos pessoais.

Em síntese, a paquera virtual reforça de forma mais racionalizada e mais angustiante, por seu caráter descorporilizador,



a heteronormatividade, embora que permitam as encenações pelos usuários de identidades desvalorizadas por esse dispositivo relacionadas ao gênero e a sexualidade. Há um cuidado ritual nas investidas porque os perfis são públicos, embora que os usuários selecionam de forma identitária tais perfis buscando “pistas” de possíveis “curtidores” do homoerotismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A performatividade-paquera no Facebook pode ser dividida ritualmente em duas fases: a “desfocada” e a “focada” e/ou “multifocada”. Na primeira, o ritual de esquadramento objetiva selecionar perfis na plataforma tendo como referência os ideais estéticos de beleza masculinos – corpo sarado – e as “performances de gênero”.

Os corpos materializados nos perfis são classificados em duas categorias binárias apenas: em masculino – o ideal ‘macho’, ‘ másculo’ ou viril – que é perseguido por todos que paqueram e os que querem ser paquerados; e em feminino – a ‘bicha’, “trejeitada”, “afeminada” – que constitui o abjeto, o exterior constitutivo do masculino supervalorizado.

A performatividade da paquera virtual envolvem processos híbridos entre humano e máquina das dinâmicas performáticas de sexualidade e gênero. Tal processo encerra um dispositivo de materialização corpórea nos

termos de Gadelha (2015) reiterativa de formas de gênero hegemônicas, de sexualidade inteligível ou de sexualidades dissidentes. Embora que o homoerotismo “on-line” esteja aprisionado no “armário ampliado”, a “performatividade-curtição” pode se constituir em fissuras temporárias desse aprisionamento.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes Louro (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais on-line. In: **Âskesis**, v.4, n.1, p. 56-73. Jan./jun., 2015.

GOFFMAN, Erving. **Rituais de interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Comportamento em lugares públicos:** notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Trad. Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Trad. Maria Celia Santos Raposo. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



ILLOUZ, Eva. **O Amor nos tempos do capitalismo.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: **Revista Educação On-line PUC-Rio** n° 10, p. 64-83, 2012. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0 . Acesso: 20/03/2014.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. **O futuro da Internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LIGIÉRO, Zeca (org.). **Performance e Antropologia de Richard Schechner.** Trad. Augusto Rodrigues da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

LOURO, Guacira lopes. **O corpo educado.** Pedagogias da Sexualidade. Autêntica Editora, 2010.

_____. Prefácio – Desafios. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo:** polêmicas contemporâneas. Petropolis, RJ: Vozes, 2012. P. 11-13.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. In: **Gênero.** Niterói, v.9, n.2, p. 171-190. 1. Sem.2009.

_____. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. In: **Cronos:** R. Pós-

Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v.12, n.2, p. 09-22, jul/dez. 2011.

_____. A Gramática do Armário [online]: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa [et al] (orgs.). **Olhares plurais para o cotidiano:** gênero, sexualidade e mídia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 32-52. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>. Acesso: em 25/04/2015.

_____. Machos e Brothes: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. In: **Estudos Feministas,** Florianópolis, 21(1): 424, p.301-324. jan./abr.,. 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: **Cadernos Pagu** (28), p. 19-54. Jan./jun., 2007.

SOUZA E SILVA, Adriana. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos? In: ARAÚJO, Denize Correa (Org.). **Imagem (ir) realidade:** comunicação e cibernética. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 21-51.